

O MENINO E O REI

O moleque vivia nas proximidades da grande indústria de borracha que, no início da noite, soltava sem dó pelas chaminés intensos rolos de fumaça preta que impregnavam o bairro todo com seu odor acre. Sua vida, depois das aulas na escola pública da região, era circular descalço pelas ruas ainda vazias do bairro, com seus cachorros soltos, jogos de bolinha de gude, empinar papagaio, quebrar lâmpadas dos postes da avenida Maracanã e matar pardais com estilingadas certas. A outra diversão era assistir a chegada e a partida dos trens na estação ferroviária, que estava cada vez mais decadente.

Gostava de música, mas não tinha dinheiro para comprar discos naquele bairro distante do centro, seus moradores eram considerados “índios” pelos moradores das regiões ditas nobres da cidade. E os “índios”, nas matinês do cine Santo Antônio, perdiam todas para os soldados brancos de olhos e uniformes azuis. Então, restava-lhe ouvir os sucessos nas rádios que só tocavam música encomendada pelas gravadoras, com seus jabás para os radialistas que falavam demais e tocavam música de menos. Virou fã do Roberto Carlos, Wanderléia e do Erasmo, seu parceiro em “Sentado à beira do caminho”, tanto que chegou a telefonar escondido do dono da birosca da esquina para pedir a música num programa de rádio. Aos domingos, na TV em branco e preto, não perdia um programa “Jovem Guarda”.

Até que um dia, anunciaram aos quatro ventos que o Rei viria até sua cidade para um show, que seria realizado no ginásio de esportes do seu bairro. Sem dinheiro para pagar o ingresso, mesmo assim vestiu sua melhor roupa domingueira e foi para a porta do ginásio, onde uma multidão já se aglomerava no início da noite daquele sábado que prometia fortes “emoções”. Ele se enfiou no meio das gentes, e devagar, devagarzinho, pisando num calo ali, uma cotovelada acolá, foi chegando até o portão de acesso, onde alguns policiais faziam a segurança e tentavam colocar alguma ordem na confusão. O alarido dentro do ginásio, os gritos e berros das meninas eram ouvidos ao longe, era um enorme *frisson*.

Ali ficou o moleque, pasmo diante daquele tumulto, pensando em como fazer para entrar. Até que o destino ouviu suas preces. Um casal elegantíssimo, a mulher com saltos altos enormes que mal se equilibrava e o homem de terno de linho foram abrindo passagem, as pessoas parece que se encolhiam diante deles, se apequenavam. Ele não teve dúvidas, saltou à frente dos dois, que cumprimentavam algumas pessoas que estavam atrás do cordão de isolamento. Nem perceberam o moleque à frente, os fardados abriram passagem. Bem-vestido, o moleque tentou passar por filho do casal ao entregar os bilhetes. O porteiro, sem perceber a jogada, expressou um gesto de respeito ao magnata e o menino entrou, serelepe. Correu para a arquibancada enquanto o casal rumava para as numeradas, viu que o palco do ginásio encimado pelo desenho de um grande bagre estava cheio de instrumentos e caixas de som.

Sentou-se e assistiu a tudo, sem esconder a alegria, de tantas emoções. Viu Roberto Carlos entrar cantando “O calhambeque, bibi, o calhambeque, bibi” e nunca mais esqueceu aquele momento mágico.

Mauro Ferreira é arquiteto